

Preço da assignatura

Anno	1\$300 rs.
Semestre	650 "
Trimestre	350 "
Numero avulso	30 "

A correspondência relativa á administração deve ser dirigida a Antonio Luiz da Silva Dantas e a relativa á redacção ao director de A Restauração.

Redacção, Administração e Typographia

Rua de Payo Galvão — Typographia Minerva

A RESTAURAÇÃO

SEMANARIO CATHOLICO

Preço das publicações

Annuncios e communicados, linha 40 rs.
Repetição, por linha 20 "
No corpo do jornal 100 "

Os srs. assignantes gosam o desconto de 25 % em todas as suas publicações.

As obras litterarias, quando o mereçam annunciam-se em troca de um exemplar

Editor responsavel

José Maria Nunes Guimarães

"Cathólico por tradição..."

Esta locução, sem sentido assás definido, é uma das mais gastas do vocabulário empregado por elogiadores inconscientes. Póde chamar-se um logar commum da bajulação mais ou menos rhétorica.

Ha certos personagens (e quantos! . . .), que do catecismo apenas sabem o nome, e que, a respeito de mandamentos, cumprem à risca os da sua vaidade e paixões: mas arriam-se pomposamente—nas occasiões opportunas, bem entendido—com o titulo de catholicos, e não dispensam que nos seus panegyricos se incluam gabos à sua catholicidade immaculada.

Esta simulação—como tudo quanto é mentira—é indigna de almas bem formadas e grandemente odiosa para todos os espiritos rectos.

Que um cathólico, sem deixar de o ser, falte accidentalmente—até mui repetidas vezes—às exigências de tam sublime profissão, comprehende-se: mas já se não póde chamar sem mentira um cathólico exemplar e perfeito. Que porém um homem, que não tem fé nem tampouco um razoavel conhecimento do que é ser cathólico, nem, por necessária consequência, cumpre nenhum dos deveres catholicos, se queira fazer passar por cathólico, é uma pretensão estulta e uma aberração por todos os titulos execravel.

O que porém de algum modo se nos afigura ainda mais odioso e repugnante é o espirito bajulador com que sujeitos que fazem profissão de catholicos e até, pelo próprio facto, se arvoram em juizes da catholicidade alheia, elevem até aos astros a estúpida vaidade de semelhantes desnorteados, apresentando-os, e fazendo crer a elles mesmos que sam tidos como cabalissimos exemplares de catholicos.

Ainda, se isto não tivesse mais consequências do que alimentar a vaidade enfatuada duns com a bajulação estúpida doutros, não seria o mal tamanho. Mas, ou se ha de dizer que aquillo que se ouve e se lê diariamente não tem influencia nenhuma nas ideias e costumes de quem ouve e lê, ou se ha de convir em que po-

dem ser perniciosos os efeitos de tam descarado e teimoso mentir.

Na verdade, um homem pouco illustrado, que conheça sufficientemente as ideias e costumes dalgum dos taes divinizados catholicos, mas que ouve a gente que se apresenta como competente, e lê em folhas que gozam do crédito de catholicas, vistosos louvores à pureza de semelhante catholicismo, não terá motivo para ir modificando o seu próprio critério e julgar, por exemplo, que para ser cathólico modelar basta ir à Missa em occasiões de cerimónia, ser padrinho em algum baptizado de luxo, supprir por uma esmola clamorosa a algum estabelecimento de caridade a omissão dos preceitos da Igreja, tirar o chapéu com uma ridicula medida quando passa o Santíssimo Sacramento, etc.; e que, por tanto, se póde comer carne todos os dias, desprezar a piedade, deixar a confissão (ainda a annual) para as beatas, ler e assignar as publicações mais ímpias e immoraes, frequentar habitualmente os peores theatros, descurar a educação christã da família, omitir totalmente a oração, viver escandalosamente em casa ou fóra della, etc.; sendo que todas estas coisas, pelo visto, não sam contrárias à pureza e integridade religiosa dum bom e perfeito cathólico? «Se Fulano vive assim e assim, e é pelos competentes julgado como cathólico exemplar, tambem eu assim posso viver sem incorrer em pecha.»

Sendo este o génio e o costume de tantos que escrevem na imprensa cathólica (da outra não queremos agora falar), como ha um leitor prudente de fazer juízo pelo que lê?

E' sem dúvida menos odiosa e menos prejudicial a fraqueza de espirito com que alguns não ousam dizer a verdade, quando a legitima prudência a mandava dizer, do que a desenvoltura e inconsciência com que se agrava a omissão da verdade com invenções mentirosas. Haja verdade, haja rectidão de juízo, haja dignidade, haja independência de character em todos os homens, mas particularmente naquelles que sobem à tribuna da imprensa cathólica arvorados em doutrinaes das multidões.

«Cathólico por tradição de família»: que phrase tam mal soante!

Póde ser que o personagem, a que acabamos de a ver applicada, seja o melhor cathólico do mundo: não o conhecemos. Mas isso não impedirá que semelhante modo de dizer seja muitissimas vezes um feio processo de enxertar num descendente degenerado as virtudes de ascendentes sem continuadores, e que, portanto, desse fundado ensejo às nossas reflexões.

L. F.

Sciência Theológica

Missas por vivos ou por defuntos?

Infelizmente, vai diminuindo entre nós de dia para dia, com o enfraquecimento da fé, o zelo de mandar celebrar Missas pelas almas. Mas um facto de facil observação e mui digno de nota é que os fieis, que mandam celebrar Missas, o fazem quasi só pelas almas defuntas. Pessoa, que talvez durante a vida não mandou celebrar uma só Missa, ou poucas vezes o fez, deixa em testamento o encargo de por sua própria alma ou por almas de suas obrigações se celebrar avultado número de Missas.

Não ha, por certo, nenhum peccado neste procedimento; mas ha, sem dúvida, uma notavel falta de economia e aproveitamento de bens espirituaes, que uma prudência illustrada deve evitar. Isto é doutrina corrente em Theologia cathólica: mas como nem todos os nossos leitores a conheceram sufficientemente, offerecer-lha-hemos aqui, em resumo simplez e claro.

Não pretendemos dar lições aos nossos illustres collegas no sacerdotio, que melhor conhecem o assumpto do que nós: mas julgamos não os offender, chamando-lhes a attenção para a necessidade de esclarecer neste ponto os fieis, movendo-os a tirar mais proveito do divino Sacrificio do altar.

Encostando-nos a um lúcido resumo desta doutrina, publicado ha dois annos nas *Ephemerides Liturgicas*, de Roma, subscripto por A. Fournieret, censor da Academia Litúrgica de Roma (resumo de que em parte apenas faremos traducção), procuraremos resolver as seguintes questões:

1.º Se e em que sentido é que a Missa vale mais por alma dum vivo do que dum defunto?

2.º Se, nominadamente quanto à expiação dos peccados, valerá mais a Missa pelo vivo do que pelo defunto?

3.º Se, no caso affirmativo, se deverá celebrar pelo vivo Missa de Requiem?

1.ª Parte. Jesus Christo, pelo seu Sacrificio uma vez consum-

mado na Cruz, mereceu a redempção universal e inteira do mundo; pelo Sacrificio da Missa, que diariamente se offerece, applicam-se a certas pessoas os méritos alcançados na Cruz, e por isso de objectiva, que era, a immolação da Cruz torna-se subjectiva pela especial intenção do Celebrante. Mas será esta applicação mais ou menos fructuosa, segundo se fizer a vivo ou a defunto? Eiz a questão.

Antes de mais nada, se se attender ao fim da Missa applicada pela alma dum vivo, é ella sempre offerecida principal e universalmente com o fim de prestar culto a Deus: nem sempre, de certo, com o só fim latréutico, isto é, limitado à só intenção de prestar culto a Deus em reconhecimento do seu supremo dominio; mas tambem com o fim eucharistico, impetratório e satisfatório. Porquanto, qualquer destes fins que se intente, por isso mesmo implicitamente e até no próprio acto praticado tambem se intenta e pratica o culto divino só a Deus devido. Pois, se no sacrificio da Missa se dam graças a Deus pelos beneficios recebidos, ou se lhe fazem supplicas para obter outros, ou se lhe pede a a remissão dos peccados, não é certo que no acto exercido e pelo próprio feito se preste a Deus o culto divino, reconhecendo o seu supremo dominio sobre nós, o seu poder, a sua eminência, e confessando a nossa humillima submissão, dependência e indignidade? Quem perdôa os peccados, senão Deus só? Quem póde conferir efficazmente beneficios e dons salutarees para o fim último da eterna bem-aventurança, senão Deus só? Quem póde dar por satisfeita a divida do peccado ou o reato da pena, senão Deus só, a quem elle é devido? Por onde o fim da Missa applicada por alma dum vivo póde ser juntamente latréutico, eucharistico, impetratório e satisfatório (Cf. Sporer, *Theol. sacrament.*, Part. II, cap. V, sect. III, § 1).

O mesmo se deverá dizer quanto à alma dum defunto? Por nenhum modo: então a Missa unicamente é ordenada e tende aquillo de que o defunto precisa para entrar na vida eterna. Não estariam então deslocados os fins eucharistico e latréutico? Para ter logar no Paraíso, deve satisfazer-se até ao último seitel a pena temporal devida pelos peccados remittidos do defunto: em que podem servir os fins latréutico e eucharistico, como taes, para satisfacção da dita pena? Resta portanto que o sacrificio da Missa, emquanto satisfatório, remitta directamente a pena devida pelos peccados, isto é, por modo de solução ou paga já feita na Cruz pelo mundo e applicada agora pela Missa a um defunto constituido em graça; e, emquanto impetratório, lhe corresponda directamente alguma parte da remissão da pena, por isso que a Deus se pede tal remissão. Esta sentença, que Suarez diz poder sus-

tentar-se piamente, tambem De-Lugo a julga verdadeira e a Igreja parece tê-la por certa; porque na Missa tem orações especiaes pelos defuntos, em que para elles se pede a dita remissão da pena. E, se a oração, como oração, não extinguisse directamente a pena, mas só emquanto é obra penal e boa, não seriam aquellas orações uteis para o effeito que a Igreja intenta (Cf. Doct. Gihl, *Le saint sacrifice de la Messe*, Tom. I, e Jourdain, *La sainte Eucharistie*, Tom. II, Liv. II, cap. VII).

Por onde a Missa póde aproveitar à alma do defunto de dois modos: emquanto satisfatória, *ex opere operato*, segundo a accettazione de Deus; e emquanto impetratória, o que é proprio da oração e se dá tambem com as orações dos bem-aventurados, as quaes nos aproveitam a nós e às almas do Purgatório, embora não sejam satisfatórias. Emquanto é latréutica e eucharistica, como tal, de nenhum modo aproveita ao defunto; e portanto, sob este respeito, é-lhe menos util do que à alma dum vivo.

Se, além disso, se considerarem os fructos do Sacrificio, isto é, aquelles bens que a Missa offerecida, ou antes o próprio Deus, movido em razão do Sacrificio offerecido, confere aquelles por que elle é offerecido, ver-se-ha que sam maiores para a alma do vivo do que do defunto. Preciosissimo entre elles é o augmento da graça e de todas as virtudes infusas; não porque, sem o homem fazer coisa alguma, emquanto por elle se celebra a Missa, lhe seja augmentada a graça (porque este é o effeito próprio dos sacramentos recebidos dignamente); mas porque pela Missa Deus communica grandes auxilios e dá santas e poderosas inspirações, por meio das quaes inspirações e auxilios a alma é estimulada a resistir às tentações, a praticar as virtudes, a exercer obras de penitência, misericórdia e humildade, e a soffrer com resignação e conformidade com a vontade divina as adversidades e misérias, perseguições dos homens, doências e dôres desta vida. E assim o homem faz admiraveis progressos na graça, nas virtudes infusas e nos dons do Espirito Santo, e adquire tambem o preciosissimo dom da perseverança, que é o effeito mais divino que este dignissimo Sacrificio opera naquelles que diligente e devotamente usam dos favores que por elle se costumam communizar. Por outras palavras: a Missa applicada a um vivo póde obter-lhe tamanha quantidade de graça, que aliás, faltando ella, elle morreria no seu peccado, e assim toda a Missa a elle applicada depois da morte seria de nenhum proveito (Cf. Arias, *Thesaur. inexhaust.*, Tom. I, Tract. IV, cap. VIII).

Pelo que não nos demoremos mais neste ponto. E' tam clara a coisa, isto é, que a Missa, em si, aproveita mais à alma do vivo do que do defunto, que a sua vantagem em favor do vivo é verdadeiramente notória para todos;

sendo que não só o acatela contra as penas do Purgatório, mas até contra o fogo eterno e inextinguível; e além disso o vivo é capaz e torna-se também participante dos fructos de que os mortos não sam capazes. Por onde—conclue Ballerini (Tom. II, n. 358, nota)—usam alguns, que sam sollicitos em grangear os beneficios da Missa, mandar celebrar durante a vida todas ou grande parte das Missas que têm determinado.

(Continúa).

P. J. L. LEITE DE FARIA.

Carta do Porto

Depois dos acontecimentos tragicos que em Coimbra levaram um lente á sepultura; depois, ainda, das scenas dramaticas que a policia e a Escola Medica do Porto, tam mediocrementemente representaram, perseguindo um estudante que se não entregava de bom grado a desmentar uma gata que um lente lhe havia dado no 2.º anno de medicina; depois disto, os estudantes ficaram chamando-se *mata lentes*.

Ainda quem o fero nome, lentes, não tenha o condão de despertar generosos sentimentos, os academicos, comtudo, lhe bravam que significa, não só pela perdura o que contém de feroz, mas ainda ufanam-se de possuil-o. Seguiam nisto o exemplo vido do alto. E diz a história que não ha nada mais suggestivo do que o exemplo vido de cima. Pois não se orgulhava o governo de ter procedido á *degolla dos innocentes*, mais propriamente conhecidos por commissarios regios?

Porém os actos heroicos, especialmente a quem não está habituado a praticá-los, depauperam o organismo e quasi sempre resultam numa sequencia de fraquezas bem lamentaveis.

Os desfallecimentos do governo, esses sam já visiveis á simplez vista, sam já palpaveis. O snr. José Luciano de Castro era o terror dos seus sub-chefes politicos. Com apparencias de urbanidade, desfez-se do snr. Beirão; arrogante como Jupiter, fulminou o snr. José de Alpoim; e devorador como o fogo, esperava-se a todo o momento, que consumisse nas chammas do zelo da sua incomparavel grandeza, os snrs. Eduardo Coelho, Eduardo Villaça e Sebastião Telles.

Esta última cremação era mais espantosa ainda do que a celebre *degolla dos innocentes*. O grande heroe, porém, o diestro mata lentes, estremeceu; a coragem fallou-lhe para chegar até ao fim. E desse entibiamento resultou a vida politica para esses dois últimos sentenciados, pelo seu chefe, á vida commum. Florescem hoje noutro ministerio, que, por ser identico ao antecedente, tem de seguir a signa fatal que o persegue—o desastre, o medo, a morte.

O snr. José Luciano tem um mês de vida politica. Como não pôde de uma só vez degollar tantos ministros, num último arranco de desespero, agarrou seguramente o parlamento e suffocou-o por mais um mês.

O mês de janeiro principiou tempestuoso, como o cerebro do illustre presidente de ministros da rua dos Navegantes. E ser navegante com um temporal desfeito como o que nos assolou na entrada deste

novo anno de 1906, é correr constantemente o risco de naufragio.

O último ministerio progressista todo elle é navegante em perigo, por motivo dos elementos agitados que luctam na cabeça do piloto do barco: vai fatalmente ao fundo no fim do mês ao ter de desferrar a nau da garganta do parlamento onde agora a segurou. Para não matar agora tres ministros, o snr. José Luciano ao fim de trinta dias matará-se a si proprio e quantos o acompanharem. Será o último traga mouros politico portuguez.

Todos estes exemplos sam duma triste moralidade. Ou sejam os estudantes revoltados, ameaçando de morte aos seus professores; ou sejam estes, reprovando mais por espirito mesquinho do que por espirito de justiça e equidade; ou seja o snr. José Luciano, perseguindo todos quantos se dispõem a agarrar-lhe a chella partidaria, que elle só consente—por mais não poder—que a morte lhe arranque; ou seja o adiamento constante de todas as difficuldades, que cada vez se agrava mais em vez de as resolver; tudo isto é uma lástima maior do que a influenza e a variola, que ao presente, sem contemplação por coisa alguma, pertemtem em ser hospedas ambas da cidade que tem a coragem de lhes gritar alto e bom som, que as ha de metter por uma vez, nos grandes canos do saneamento.

Se as molestias que ora consomem o organismo do governo, tivessem pela frente uma empresa de saneamento, como o Porto já tem em execução para debellar os seus males, teriamos um ministerio tam apto para a vida como a seu pesar o está para a morte.

R. L.

O Factor

Tudo quanto no mundo acontece tem um mobil que o impulsiona e um factor que o realiza. Na ordem social e politica, religiosa ou economica, o factor é o mesmo, ainda que o mobil apparentemente seja diverso.

Este factor é de tal maneira um e indivisivel, que da mesma forma tropeçamos com elle na sciencia como nas artes, na litteratura como na politica. Umavez é causa e outras effeito.

Na ordem social o primeiro degrau é o povo; sobre elle é que mais se gravita e é elle quem supporta mais peso.

Suppunhamos que é no seio do povo que está a canalha vil, a lepra social, e admittamos que essa canalha é constituída por aquelles que soffrem perseguição pela justiça, por aquelles a quem a sociedade collocou fóra da lei por sentenças julgadas. Se inquirirmos a causa da sua anómala situação, o motivo por que andam fugidos das populações, formando quadrilhas de ladrões, encontraremos a resultante e a impulsiva ao dar de cara com o factor.

Subindo na gerarchia social, trepemos outro degrau e perguntemo-nos: — que causa é a que move o pedreiro a jogar diariamente a vida nas alturas da obra, escarrachado no andaime; o pescador a disputar a sua aos elementos; o bomheiro a expôr a sua ao fogo para sal-

var os haveres do proximo; o mineiro a disputá-la ao grisú ou ao corrimento das terras; e o soldado a defender a propria com a carabina na mão, encontraremos sempre por unica resposta o *factor eterno*.

Por elle o ladrão affronta a morte entre as brenhas da montanha ou em plena estrada; por elle súa, afadiga-se e quebra os ossos, TRABALHA, e o pobre operario; só elle faz ir o homem ou ao hospital, ou ao cemiterio, ou á desordem ou ao presidio.

Por elle o advogado esfaltese, discursando e defendendo causas que elle ás vezes sabe antecipadamente perdidas.

Por elle o medico desafia a thysica, a peste, a morte mesma, tratando dos doentes atacados das mais repulsivas molestias e penetrando nos focos de infecção.

Por elle o camponio aguenta o frio e a neve, o calor e a chuva, semeia, aduba e colhe.

Por elle vai o militar á guerra, apresenta o peito á bala inimiga, soffre largas marchas, sob os ardores do sol canicular, ou cruéis inverniaes.

Por elle tem o governo direcção de contribuições e esta agentes fiscaes de todas as categorias.

Por elle negocia o banqueiro na Bolsa, empresta aos governos e abre a sua caixa aos agentes, quando tem conta corrente nos Bancos.

Por ellé consagra-se o proprietario á cultura das vinhas e cereaes, o capitalista ao estabelecimento de empresas industriaes.

Finalmente, por elle está a cadeia repleta e a penitenciaria quasi cheia.

Tudo no mundo obedece a esse factor, desde o passarinho, que furtá ás eiras o seu alimento, até ao rei que, sentado no throno, recebe a sua lista civil.

Esse factor chama-se—*necessidade*.

CANDIDO GOMES.

CURIOSIDADES

Uma ideia.—Um director dum periodico dos Estados-Unidos, á falta de artigos sensacionaes, teve a ideia de escrever ao imperador da Alemanha para lhe propôr que escrevesse uma columna de prosa acerca das consequencias da guerra russo-japonêsa. Ajuntou a esta carta um cheque de 25000 francos a titulo de honorarios. Não tardou muito tempo a resposta. O cheque foi-lhe devolvido, acompanhado duma palayra muito secca do secretario particular do imperador, informando-o que Sua Magestade não tinha desejo nem tempo de se occupar de periodicos. Que pena e que decepção para o director do periodico!

Actividade.—O imperador Guilherme é duma actividade extraordinaria, e nenhum soberano, talvez em todo o mundo, fornece todos os dias uma somma de trabalho tam consideravel como elle. No curso do anno passado o gabinete do imperador expediu 5857

negocios exteriores e 50200 negocios interiores. Expediu o seu gabinete militar e naval 100145 negocios. O imperador tomou conhecimento de quasi todos estes negocios, e num grande numero de casos foi elle que dictou a resposta a dar, já por carta, já por despacho. Neste anno até junho, escreveu o imperador de seu proprio punho 7000 despachos, cartas, ordens e documentos diversos.

Presente.—O marechal japonês Oyama acaba de receber um famoso presente. Offereceu-lhe um dos seus admiradores uma espingarda de caça, que teria pertencido a Napoleão I, declarando ao marechal japonês que só elle na hora actual parecia digno de possuir a caçadeira do grande imperador.

Palace Hotel.—Ha em S. Francisco, Estados-Unidos, um hotel que é por si só uma deslumbrante maravilha, capaz de levar as lampas e desconcertar os americanos, tam affeitos e avezados a prodigios deste genero. Estando cheio, pôde conter 1200 hospedes, servidos em tudo com uma esculpida exactidão por um exercito de criados e cubicularios. O vapor e a electricidade sam senhores absolutos nesta vastissima hospedaria. Nada se faz ahí sem o seu efficacissimo concurso, e, emquanto noutras partes o homem se consome e afadiga em pesadas e longas labutações servis, aqui basta comprimir levemente um botão, desandar uma chave, observar um manometro, e tudo fica inexecedivelmente limpo. A força bruta da natureza, domada pela intelligencia do homem, prepara-lhe o alimento, refrigera-lhe o ar, transporta-o dum logar a outro, diverte-o e presta-lhe enormes serviços, que é escusado enumerar.

Comboios americanos.—Os comboios da America em geral sobrelevam os da Europa já na velocidade e belleza, já nas commodidades que offerecem aos passageiros. Naquellas immensas republicas estam completamente em desuso esses vagões acanhados, onde apenas têm logar doze pessoas, e que sam tam frequentes na Europa. Nos *expressos* o passageiro acha commodidade para conversar com os amigos numa pequena mas elegante sala, para depois de jantar fumar o seu charuto no *fumoir*, e finalmente pôde occupar algumas horas em leituras amenas na bibliotheca. No verão ventilam os vagões por meio de ar comprimido, illuminam-nos durante todo o anno com electricidade, e no inverno aquecem-nos á força de vapor. Tornam além disso a viagem aprasivel, installando mesas de jogo, que agradam muitissimo. Pôde até, durante a marcha, quem quiser, tomar banho, fazer a barba, fallar por meio dum estenographo ou outro apparelho mechanico; emfim, occupar o tempo em uteis e amenos misteres. Pelo massico dos vagões, que attenua admiravelmente as oscillações, o passageiro pôde dedicar-se a trabalhos mentaes, coisa que na Europa é totalmente impossivel.

Uma bonita choupana.—O senador Clark, um archimillionario de Montana, possui em Nova-York uma choupana de 75 milhoes. Nesta casa encontra-se um tecto de altissimo valor, a perola dum castello em França, que foi transportado numa só peça ao outro lado do Atlantico. A habitação contém 140 quartos dispostos de tal modo que ali podem viver muitas familias sem se encontrarem nunca. Um dos lados é occupado pelo grande salão, que

mede 20 metros de comprido por 12 de largo. No sub-solo construíram-se 15 salas de banhos, de que cada uma custou 10000 francos. Tem igualmente piscinas, onde é possivel mergulhar e nadar, e que medem 10 metros de comprido por sete de largo. Tambem tem banhos turcos perfeitamente preparados e cujas paredes, como além disso as das outras salas de banhos, sam formadas de marmore de Carrara. As banheiras sam igualmente talladas num marmore da maior belleza. As piscinas sam atravessadas por uma corrente constante de agua filtrada. Não se diz que ha nesta casa um pequenino recanto para o bom Deus.

Leviandade.—Affirma um sabio americano que com a velhice augmenta a leviandade. Seguindo elle, o figado, cujo peso é de quasi 1500 grammas num adulto não pesa mais que 800 a 900 grammas num velho. O baço deminue por metade: 200 grammas num adulto e 100 num velho. O cerebro perde em media 150 grammas; pesa com effeito 1165 grammas num adulto e 900 somente num velho. Pelo contrario o coração faz excepção. Pesa nas pessoas de idade mais 100 grammas que nos adultos. E' por causa das tristezas que a vida nelle depositou.

NOTICIARIO

Associação de Classe dos Empregados de Comercio.—No penúltimo domingo procedeu-se á eleição dos corpos gerentes da Associação de Classe dos Empregados de Comercio desta cidade, para o anno de 1906, ficando assim compostos:

Direcção: presidente, Francisco Martins.

Vice-presidente, Domingos Marques.

1.º Secretario, Augusto Pinto Areias,

2.º Secretario, José dos Reis Teixeira.

Thesoureiro, Domingos Martins Fernandes.

Directores: João Garcia, Zeferino Paiva, Raul Rocha, Antonio Ferreira, José Mendes de Oliveira e José Machado.

Assembleia geral: presidente, José Salgado.

1.º Secretario, Abel Pereira.

2.º Secretario, Constantino Santoalha.

Lembrança da 1.ª Communhão.—Na *Typographia Minerva Vimaranesa*, á rua de Payo Galvão, encontram-se á venda lindas estampas coloridas, proprias para lembranças da primeira communhão não só para meninas, como tambem para meninos.

As mais pequenas, que medem 0^m,07 x 0^m,12, vendem-se avulso ao preço de 20 reis.

Tambem ha estampas para registos, com diversos imagens, que se vendem por preços muito razoaveis.

Quando as encomendas sejam avultadas fazem-se preços muito economicos.

Caminho de Ferro de Guimarães a Fafe.—Foi approvedo o projecto de tipo de material de via para a linha de Guimarães a Fafe, elaborado pela Companhia do Caminho de Ferro de Guimarães para substituir o que fazia parte do projecto primitivo. Pelo snr. ministro das obras publi-

cas também foi approvedo o projecto de substituição do tunel de Sêrro por uma trincheira ao pé do 568, kilometro 11,520 da linha de Guimarães a Fafe, elaborado pela referida Companhia.

Também foi approvedo o projecto da variante entre os perfis 925 e 1059 do primitivo orçamento da mesma linha, elaborado pela Companhia, para substituir a variante approveda por portaria de 4 de outubro de 1905. Não poderá ser alterado o orçamento total da linha já approvedo na importancia de reis 695:800\$000.

Bilhetes postaes, illustrados com o retrato do Santo Padre Pio X e vista do palácio e praça do Vaticano, Impressão lithographica a tres tintas, em cartão *couché*, a 10 reis cada um.

Ditos com vistas de Vizella, uma das mais importantes estancias thermaes de Portugal, trabalho nacional e portanto preferível ao estrangeiro, impressão a preto, nitida e cuidada, em optimo cartão *couché*, com photogravuras de Marques Abreu & C.^a, do Porto, a 20 reis cada um. Por colleção, que consta de 10 exemplares com 13 vistas escolhidas, tem 20 por cento de desconto.

Vendem-se na Typographia Minerva Vimaranesense, rua de Payo Galvão.

Remettem-se pelo correio a quem enviar a importancia em estampilhas e mais 5 reis para porte por cada cinco exemplares.

Uma esmola.—Implora-se a caridade dos nossos leitores em favor do infeliz tísico João Seraphim da Silva, casado, morador na rua de Santa Cruz, 103, que se acha rodeado de familia e na maior miseria.

Preços dos cereaes.
—No mercado da última semana os cereaes venderam-se nesta cidade pelos seguintes preços:

Trigo	880
Centeio	620
Milho alvo	780
Milho branco	580
Milho amarello	560
Feijão vermelho	15100
Feijão branco	15300
Feijão amarello	800
Feijão rajado	750
Feijão fradinho	700

Novas machinas

falantes "PATHE",

Em casa do sr. JOÃO GUALDINO encontram-se á venda os melhores phonographos conhecidos da Casa PATHE.

Sam as machinas mais aperfeiçoadas e que imitam com mais semelhança e nitidez as vozes e as notas musicaes.

Para este aparelho tem milhares de cylindros que se vendem aos preços de 450 e 750 reis.

As machinas custam 6\$500, 15\$000, 80\$000 reis, etc.

LITTERATURA

OS MAGOS

I

Alva estrella refulgente,
No oriente,
Accendida de repente,
Derrama estranho clarão:
Os povos pasmam de vê-la
Por tam bella;
Os Magos conhecem nella
A estrella de Balaão.

Mais de mil annos havia,
Prophécia
Scismada de noite e dia
Cumpriu-se emfim: que fulgôr!
Nelle, ó mundo, não penetras,
Não solettras
Nos raios ignotas lettras,
Nas lettras ignoto amor!

Os Magos sim olham, vendo;
Viram, crendo,
Nessa estrella resplendendo
A boa nova que têm:
Lá partem á luz da estrella,
Sem perdê-la,
Caminham guiados della...
Eiz entram... Jerusalém!

II

A estrella toldou-se,
Sumiu-se, apagou-se
No ceu!
Foi veu,
Do ceu por império,
No veu do mystério!

E os Magos entrando,
Seguindo, chegando,
Sem ver!
Sem ter
De Herodes receio!
Ai Magos, teme-o!

Teme-o, que a estrella
Perdeu a luz della
No ceu!
E o veu
Da estrella toldada
Diz senda trocada.

E os Magos seguindo,
Entrando, vam indo,
Sem ver!
Sem ter
De Herodes receio!
Ai Magos, teme-o!

III

—Donde vindes?—Do oriente.
—Quem buscais?—O que a luzente
Estrella apontou dos ceus.
—Vós a vistas?—Oh! bem vista,
E trás da lúcida pista...
—Buscais?—O Rei dos Judeus!

—O Rei!—Sim, mas tal, que a terra,
Que tantos thronos encerra,
Degrau do seu mal será!
—Quem é pois?—Monarcha novo,
Nascido dentre o teu povo,
Dentre o povo de Judá.

—Ides vê-lo?—Adorá-lo.
—Ide, correi procurá-lo;
Do que achardes me direis:
Ides?—Vamos.—Fico esp'rando
Para ir tambem, adorando,
Ver esse assombro dos reis.

E de Herodes despedidos
Os Magos partem; perdidos
Partem de balde talvez...
Mas não; que a estrella toldada
Evoca a chamma apagada,
Nascé nos ceus outra vez.

IV

Lá vam trás da estrella;
Eiz chegam com ella;
Eiz pára... a luzir.
Aqui na humildade
Maior da cidade?
E a estrella a fulgir!

Aqui na pobreza
Tamanha riqueza!
Aqui hemos de ir?!
Aqui será nado
Das gentes o esp'rado?
E a estrella a fulgir!

Presépio tam pobre
Palácio a tam nobre!
Tal Rei aqui vir?!
Tal luz desejada
Aqui tam sem nada?
E a estrella a fulgir!

V

Os Magos entraram... viram...
E em joelhos caíram,
Cegos da luz:
Nos braços da Mãe fulgia,
Mais que a estrella e mais que o dia,
O seu Jesus.

Adoram ali prostrados,
C'os áureos sceptros curvados
Na adoração:
As c'róas frageis do mundo,
Já com respeito profundo,
Rojam no chão.

Cada qual dá seu thesouro:
Este aqui lhe offerta ouro,
De rei signal;
Aquelle na mão tremente
A myrrha traz recendente,
Como a mortal.

O terceiro, em sobresalto,
Ergueu a mente mais alto
E viu os ceus;
Viu Christo, o Filho do Immenso,
E a seus pés deitou incenso,
Como a um Deus!

VI

A' pátria voltando,
Não entram os Magos
Em Jerusalém;
Por sonhos presagos
Um anjo, fallando,
De entrar os detem.

De balde has de, Herodes,
Esp'rá-los, scismando
O Christo onde está;
De balde é que pôdes
Andar degollando
A innocente Judá.

Não ouves os anjos
Cantando a victória?
Teu ódio que faz?
O côro de archanjos
A Deus diz «glória»,
Aos homens diz «paz»!

João de Lemos.

Numa roda, onde se encontrava
um padre, dizia certo espirituoso
fitando o ecclesiastico:

—Se eu tivesse um filho idiota e
estúpido, havia de o fazer padre.
A quem o padre, com toda a
pausa:

—Modos de ver. Já seu pae não
era da mesma opinião.

ANNUNCIOS

Sellos para colleções

Pacotes de 50 variedades para 20 reis cada.

Pacotes de 100 variedades, entre os quaes se contam bellos exemplares antigos e modernos das nações americanas e asiaticas, para os preços de 50, 100, 200, 500, 1\$000 e 2\$000 reis cada pacote.

Pacotes de 500 variedades para 5\$000 reis cada, contendo bellos e vallosos sellos.

Vende CANDIDO GOMES, residente nos Arcos de Val de Vez.

Todas as encomendas superiores a 500 reis remetem-se francas de porte.

O pagamento em sellos de 25 reis ou vale.

O grande batineiro

Antonio Raymundo de Sousa Guise, com atelier de alfaiateria á Praça de D. Afonso Henriques, 36 e 38, desta cidade, encarrega-se de fazer batinas com a maxima perfeição bem como toda a qualidade de obra que lhe seja encommendada. Tudo perfeito e por preços modicos.

TYP. MINERVA



VIMARANENSE

Officina de ençadernação e Papelaria

DE

Antonio Luiz da Silva Dantas

Rua de Payo Galvão — Guimarães

Na officina typographica, montada com machinismo aperfeiçoado e pelos modernos processos da arte, executam-se, com nitidez e perfeição, todos os trabalhos, taes como: obras de livro e jornaes de grande e pequeno formato; participações de nascimento, casamento e obito; circulares, memoranduns, facturas, envelopes e todos os demais impressos para commercio; mappas, mandados de pagamento, talões e varios outros impressos para repartições publicas civis, ecclesiasticas e militares; rotulos para pharmacia; etiquetas para fabricas e estabelecimentos de fazendas e ferragens; programmas e bilhetes para espectaculos, etc., etc.

Impressões a côres, ouro, prata e chromotypographia.

ESPECIALIDADE EM CARTÕES DE VISITA DE DIVERSAS QUALIDADES E FORMATOS

Na officina de ençadernação executam-se todos os trabalhos concernentes á arte, com perfeição e segurança, para o que possui escolhido material vindo expressamente do estrangeiro e pessoal habilitado.

Na papelaria encontra-se um variado sortido de papeis almaços, finos e de impressão, nacionaes e estrangeiros, objectos de escriptorio, caixas de papel de phantasia em diversos formatos, livros em branco para commercio, cartão fino e papelão em folha, etc., etc.

Encarrega-se da execução de GRAVURAS EM MADEIRA, EM ZINCO E COBRE, pelos processos chemicos, e de CARIMBOS DE BORRACHA, para o que está em correspondencia directa com os mais habes gravadores e fabricantes.

PREÇOS RASOAVEIS

Trabalhos garantidos e rapidos

IMITAÇÃO DE CRISTO

Novissima edição

Confrontada com o texto latino e ampliada com notas

POR

Monsenhor MANUEL MARINHO

Approvada e Indulgenciada

pelo Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Snr. D. Antonio, Bispo do Porto

PREÇOS

Em percalina	300 reis
Em carneira com folhas-douradas	500 »
Em chagrin-douradas	12000 »

Todos os pedidos acompanhados da sua respectiva importancia devem ser dirigidos ao editor **José Fructuoso da Fonseca**, RUA DA PICARIA—PORTO.

Em GUIMARÃES vende-se em casa do snr. **Manuel Joaquim de Oliveira Bastos**.

DICCIONARIO APOLOGETICO

DA

FÉ CATHOLICA

Em que se contém as principaes provas da verdade da religião e as respostas ás objecções tiradas das sciencias humanas

POR

J. B. JAUGEY

Presbytero e doutor em Theologia

Com a collaboração de grande numero de sabios catholicos

TRADUZIDO DA 3.^a EDIÇÃO FRANCESA

POR

GOMES DOS SANTOS

Redactor do "Correio Nacional,"

Com auctorização do Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Snr. D. Antonio, Bispo do Porto

Assigna-se no escriptorio do editor Antonio Dourado, rua das Flores, 42, 1.^o—Porto.

As Terras de Valdovês

MEMORIAS HISTORICAS E DESCRIPTIVAS DO

CONCELHO DOS ARCOS DE VL DE VEZ

POR

José Candido Gomes

ESTA interessante publicação, que está saindo das officinas da TYP. MINERVA VIMARANENSE, de Guimarães, é uma compilação vasta de tudo o que o seu auctor pôde apurar relativamente a este concelho.

A sua regular publicação é uma empresa arrojada de muito trabalho e poucos interesses. Corresponde, além d'isso, a uma necessidade imperiosa, qual é a de reunir com methodo e concisão todas as noticias historicas, corographicas, estatisticas, biographicas, archeologicas, heraldicas e genealogicas, dis persas pelos archivios publicos e particulares e pelas publicações especiaes.

E' trabalho unico em todo o pais pela vastidão que o auctor lhe deu.

Acham-se publicados os cinco primeiros volumes

A obra constará de 10 volumes pelo menos.

Condições de publicação. — Todos os cavalheiros que aceitaram o 1.^o volume com declaração de assignatura receberão a obra toda á razão de 200 réis cada volume nesta villa, e mais 50 réis fóra d'ella, quando a cobrança seja feita pelo correio.

O volume avulso 500 réis.

Recebem-se ainda assignaturas pagando os dois primeiros volumes á razão de 500 réis.

Assigna-se e vende-se na

Pap. e Typ. Minerva Vimaranense

Rua de Payo Galvão—Guimarães

e em casa do auctor, no Logar de Valverde—ARCOS DE VAL DE VEZ

O Divorcio

Refutação historica, juridica e philosophica dum projecto desastrado dum deputado infeliz, pelo antigo redactor da *Ordem* e professor de sciencias ecclesiasticas no Seminario de Lamego

Mgr. ALMEIDA SILVANO

Preço da obra 500 reis. Pelo correio accresce o porte de 30 reis.

Vende-se:

No Porto — Livraria Popular Portuense, largo dos Loyos, 44, e na Chapelaria Costa Braga, rua de Santo Antonio.

Em Braga—Livraria Escolar, e na redacção do *Commercio do Minho*.

Os pedidos feitos a esta redacção promptamente seram tambem satisfeitos, quando acompanhados da respectiva importancia.

SYNOPSIS

DA

THEOLOGIA MORAL

PELO PRESBYTERO

João Evangelista de Lima Vidal

Doutor em theologia

APPROVADA PELO SNR. BISPO CONDE

2 vol. 1\$200

Livraria França Amado, editor—COIMBRA.

Os Centros Nacionaes

PELO

DOM PRIOR

Manoel d'Albuquerque

Vende-se esta obra em casa do sr. Manuel Joaquim d'Oliveira Bastos—R. de Payo Galvão.

Preço 300 réis.

ACABA DE SE PUBLICAR

NOVO COMPENDIO

DE

HISTORIA UNIVERSAL

Contendo a historia antiga, da idade media, moderna e contemporanea

PELO

PADRE ANTONIO MANUEL DOS RAMOS

Professor do Seminario dos Carvalhos

2 volumes 1\$500 reis

Deposito geral: LIVRARIA PORTUENSE de Lopes & C.^{as}, Rua do Almada, 119 a 123 — Porto.

Curso de Economia Social

PELO

R. P. Ch. Antoine, S. J.

LENTE CATHEDRATICO NA UNIVERSIDDE CATHOLICA DE AGNERS

Vertida em portuguez

PELO

Presbytero Miguel Ferreira de Almeida

Doutor na S. Theologia e Direito Canonico, Conego Honorario da S. Basilica do Loreto com honras de Familiar e Commensal do Papa, Capitular da Sé de Vizeu, Secretario Geral da Congregação universal da Santa Casa do Loreto em Portugal, Condecorado por Leão XIII com a Cruz de ouro de 1.^a classe "pro Ecclesia et Pontificie" e redactor da "Revista Catholica."

E' por todos vagar esta douta obra, e da vez mais extraordinaria da grande e espantosa questão social, que, desde ha muitos annos, absorve as atenções dos governos, tanto das nações mais humildes, como das de primeira ordem.

A esta questão prendem-se os mais altos interesses, não só politicos, economicos e sociaes, mas até mesmo religiosos.

Sam bem sabidos os esforços que Leão XIII empregou, durante o seu longo pontificado, para dar-lhe uma solução harmonica com os direitos da justiça e da caridade.

Quantas e quantas vezes não só nas Encyclicas memoraveis, mas tambem nos seus discursos e allocuções, se occupou desta questão gravissima, inquestionavelmente a primeira de todas as que absorvem a attenção da Igreja e dos Estados?

E, todavia, em Portugal, só desde ha tem poucos annos é que a imprensa se bem della occupado, e pouco, bem pouco, na verdade, se tem escripto sobre esta grandiosa questão, de todas a mais candente e monumental.

Desde ha muito que andavamos meditando a publicação duma obra em que ella fosse tratada scientifica e magistralmente, em toda a sua profundidade e ramificações multiplices.

Tinhamos conhecimento de varias obras, mais ou menos volumosas, mas bem poucas nos satisfiziam completamente. Umam eram niniamente resumidas, e isto o maximo numero, outras niniamente volumosas. E assim nos achavamos embaraçados na escolha.

No meio da nossa indecisão escrevemos a um nosso douto amigo de Roma, que vive no meio sabio daquella cidade, para que, depois de ouvir a opinião de pessoas competentes, nos indicasse a que melhor conviria ao nosso meio.

E este nosso doutissimo amigo aconselhou-nos a traducção em portuguez do *Curso de Economia Social*, do R. P. Ch. Antoine, S. J., lente cathedratico da Universidade catholica de Angers.

Lemos com vagar esta douta obra, e, quanto mais lemos, mais nos convencemos da optima preferencia que, entre todas, lhe deu o nosso amigo de Roma.

Ella é o fructo das lucubrações do douto cathedratico da Universidade catholica de Angers, o qual, encarregado de ensinar a complicadissima e vasta sciencia de economia social, conseguiu reduzi-la ao methodo scientifico, com grande proveito dos academicos.

O plano da obra, apesar de não muito volumosa, é vasto, as materias apresentam-se methodicamente coordenadas, e, apesar de scientificamente no seu fundo, é clara, essencialmente pratica, que é o que mais importa.

Derrama jorros de luz sobre todas as questões multiplices que dizem respeito a economia social, que hoje apresenta um aspecto todo differente do que era nos tempos passados, em razão da revolução immensa que os machinismos modernos vieram introduzir nas industrias, no commercio, e no meio social.

Numa palavra, esta obra não é sómente util, mas de absoluta necessidade para todas as pessoas illustradas, seja qual for a sua profissão; o rev. clero e os catholicos precisam de estudá-la para saber a orientação que devem seguir no meio do labyrintho de opiniões encontradas, e muitas dellas falsas, de que o socialismo e anarchismo faz larga propaganda.

A razão que nos leva a dar publicidade a esta obra monumental, que será cuidadosamente revista, é a certeza de que prestamos um valiosissimo serviço, não só á Igreja, mas á propria sociedade civil, que tanto precisa ser elucidada sobre a questão capital que a todos interessa.

Se nos fosse licito, especialissima recommendação fariamos della aos Seminarios, onde o ensino da economia social se torna duma urgencia summa, attentas as circumstancias do nosso tempo. Para tanto não se encontrará compendio mais em condições, a que nada falta nem o methodo nem a clareza nem a substancia.

Condições da assignatura

Esta obra constará de dois volumes, magnificamente impressos em bom papel e distribuidos ás cadernetas de 80 paginas pelo preço de 160 réis, pagos no acto da entrega.

Todas as pessoas que angariarem 10 assignaturas e se responsabilisarem pelo seu pagamento, têm direito a um exemplar gratis; angariando 15, dois.

Toda a correspondencia deve ser dirigida a Alfredo Paes Pereira dos Santos, administrador da Empresa da *Revista Catholica* — Vizeu.

PEDRO SCAVINI

THEOLOGIA MORAL UNIVERSAL

Edição unica e completa em Portugal

Está já completo o 1.^o volume da segunda edição portuguesa da importantissima obra de Scavini

THEOLOGIA MORAL UNIVERSAL

revista e augmentada sobre a decima sexta e ultima edição latina, pelo Conego J. M. Rito e Cunha, professor de sciencias ecclesiasticas no seminario de Vizeu.

Um grosso volume de 854 paginas, com o retrato do auctor, brochado, 2\$000 reis.

Continúa aberta a assignatura por cadernetas ou volumes. Pedidos ao editor e proprietario

José Maria de Almeida

Rua de Grão-Vasco—VIZEU